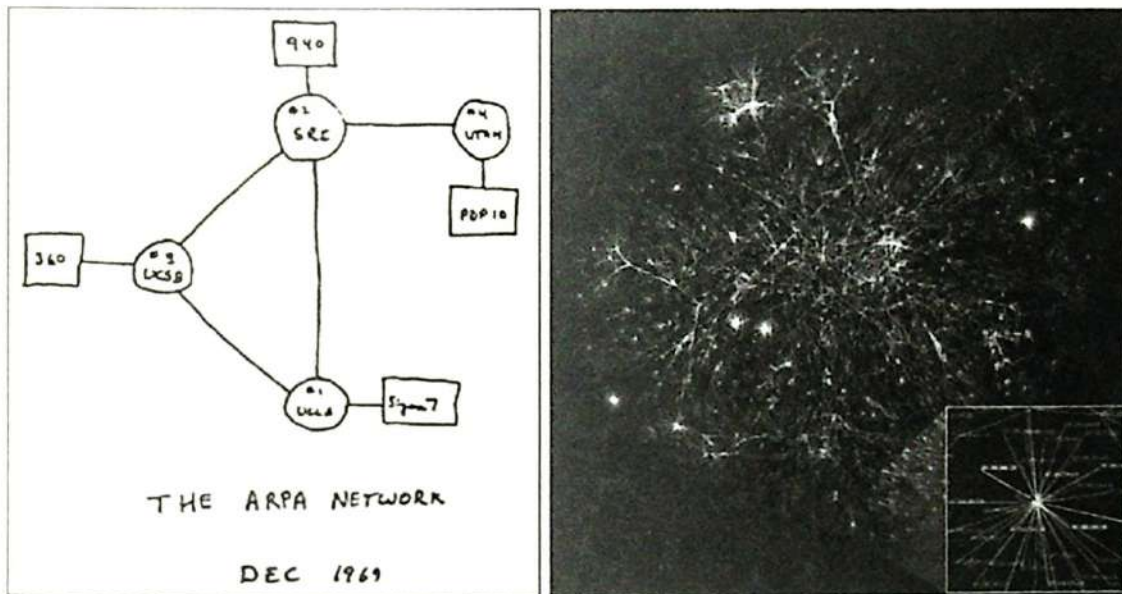


Tempos de popularização da história? Questões em torno da Wikipédia

Imagem-lembrança



Imagens 8 e 9. Mapa da internet em 1969 (ARPANET com seus 4 primeiros nós) e mapa parcial da internet em 2005.

A web se define como um espaço que pertence a todos ao mesmo tempo em que frustra toda a ideia de passado. [...] A sensação de infinitude criada pela web não faz diminuir nossa velha sensação de infinitude inspirada por bibliotecas antigas; ela apenas lhe conferiu uma espécie de inteligibilidade tangível (PIGLIA, 2004, p. 186; 264).³⁶

³⁶ De forma bastante simples, podemos dizer que a internet é uma rede que conecta milhares de computadores, ao passo que a World Wide Web (web)

Ponto de partida

A narração do passado, levada a cabo pela Wikipédia, é uma narrativa conservadora e não pode não sê-la. [...] as vozes na Enciclopédia livre podem ser consideradas frequentemente fruto de uma visão da história que podemos definir como “pré-Annales”. [...] Wikipédia tem em seu interior um “debate historiográfico”, mas não sendo um debate entre especialistas fatalmente ele se coloca no nível do *mass media* e da opinião pública (BALDO, 2015).³⁷

I. Dois casos: uma discussão e uma eliminação na Wikipédia

Pesquisando nos arquivos da Wikipédia encontrei duas “discussões” que serão utilizadas como escala inicial, como ponto de partida para operar o princípio de variação de escalas, mas tendo como pano de fundo a citação de Tommaso Baldo. O primeiro caso ocorreu no ano de 2012, na página de discussão do verbete “Regime Militar no Brasil”,³⁸ da Wikipédia em português. Em 21 de junho de 2012, um dos colaboradores, registrado como Gutim, afirmava:

é uma das várias ferramentas de acesso a essa rede que possibilita que documentos em hipermídia sejam interligados e executados. Seguir hiperligações é, em geral, considerado como ato de surfar ou navegar na *Web*. Cf. <https://bit.ly/3AbY0K1>; <https://bit.ly/3iCsI9e>.

³⁷ Utilizamos essa reflexão de Baldo como um exemplo paradigmático do que muitos historiadores profissionais pensam sobre a Wikipédia. No entanto, por justiça, é preciso dizer que o próprio autor, em texto posterior (BALDO, 2017), reconheceu os limites e as contradições de sua primeira reflexão (2015).

³⁸ Desde 2013, a página passou a se chamar “Ditadura Militar no Brasil (1964-1985)”.

não tenho *fontes altamente fiáveis* para fazer o que pretendo, mas vou esclarecer o que é. Já li e ouvi os pareceres de muitos esquerdistas e direitistas acerca do governo Castelo Branco. O mais comum é que o referido governo foi o melhor da época que antecedeu o endurecimento da Ditadura Militar. [...]. Afinal, *por estas fontes que não posso usar*, concluo que o Brasil poderia facilmente ter tido um presidente eleito democraticamente um ano e meio do Golpe de 1964. Por estas razões, se tivesse *como fiáveis* estas fontes, eu adicionaria ao artigo. Disponível em: <https://bit.ly/3CLmYTta>. Acesso em: 13 ago. 2021 (Grifos nossos).

Percebem-se, pelos itálicos nessa citação, as dimensões das normas definidas pelos colaboradores da Wikipédia para a análise e a utilização de fontes. Elas prezam, por exemplo, a imparcialidade e a verificabilidade. Essas regras interditam a utilização do testemunho oral que não possa ser objeto de crítica e/ou verificabilidade, como se atesta na citação em questão. Rosenzweig (2011) destaca que a ideia de imparcialidade (ou o desejo de imparcialidade) é um mito fundador que fornece uma base discursiva compartilhada entre os colaboradores. Ainda segundo o autor, dado seu modo coletivo e a política de neutralidade, a Wikipédia tende, em tese, a evitar afirmações polêmicas, interpretações sensacionalistas e teorias da conspiração.

A obediência a essas regras cria um filtro, como se vê na hesitação do colaborador em escrever que o “governo Castelo Branco” “foi o melhor da época que antecedeu o endurecimento”. Mesmo que talvez o faça de forma ingênua, cabe destacar que o autor aborda um tema discutido pela historiografia contemporânea: a transformação do golpe civil-militar em uma Ditadura Militar, ao mesmo tempo em que consagra uma versão hegemônica da memória e de certa

historiografia (hoje mais contestada) de que teria havido em 1968 um “golpe dentro do golpe”.³⁹

O segundo caso trata do processo de eliminação de um artigo. Nem sempre é apenas um grupo buscando tornar hegemônica sua própria visão do passado. Se um leitor da Wikipédia lusófona procurar o artigo “Revolução de 1964”, ele será redirecionado para o artigo “Golpe de Estado no Brasil em 1964”. Esse redirecionamento é fruto de uma discussão, ocorrida entre 6 e 12 de agosto de 2008, para eliminar um artigo denominado “Revolução de 1964”. Um dos argumentos utilizados pelo usuário identificado como Dornicke para eliminar o artigo e redirecionar a busca afirma: “existe uma definição incontroversa do fato: Golpe de 64. É a versão *largamente aceita pela historiografia*, e até por boa parte da literatura militar” (grifos nossos).⁴⁰

Sob meu ponto de vista, os artigos, bem como as duas seções, “discussão” e “histórico”, devem ser entendidos como um teatro de operação, cuja cartografia se modifica constantemente. Sendo assim, apesar de concordar em vários aspectos com a perspectiva apresentada por Tommaso Baldo (2015) – em especial no que diz respeito aos riscos do negacionismo, das falsificações, das distorções e das dissimulações, como apontado no capítulo dois –, gostaria de enfatizar aqui minhas discordâncias com relação a ela. As fontes, a hesitação do colaborador Gutim e o caso de eliminação contradizem o ponto de vista de Baldo, o qual afirma

³⁹ Cf., por exemplo, entrevista de Carlos Fico no Café História TV, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2XuoY29>. Acesso em: 16 nov. 2014. Mais ou menos na linha de Fico, prefiro a expressão “Ditadura Militar” em detrimento de “Ditadura Civil-Militar”, pois, ainda que tenha havido aliança com setores civis – como foi o caso, inclusive, da Argentina –, a maioria das decisões centrais ficou nas mãos dos generais. Talvez, depois da ascensão de Bolsonaro ao poder, pudéssemos dizer que a Ditadura foi Militar-Civil e o governo Bolsonaro, Civil-Militar.

⁴⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2VKSdx9>. Acesso em: 13 ago. 2021.

que o debate historiográfico nas páginas da Wikipédia se faz no nível da opinião.

Cabe dizer que a relação entre verdade factual e opinião foi desenvolvida por Hannah Arendt (1995) em um texto de 1967, no qual aponta os perigos de se tratar como mera opinião aquilo que não se pode mudar, isto é, a verdade factual. A filósofa pergunta se existiria algum fato independente da opinião e da interpretação, e responde dizendo que, “mesmo se admitirmos que cada geração tem o direito de escrever a sua própria história, recusamo-nos a admitir que cada geração tenha o direito de recompor os fatos de harmonia com a sua própria perspectiva; não admitimos o direito de se atentar contra a própria matéria factual” (ARENDR, 1995).

Arendt destaca os riscos da redução ou diluição da verdade factual (contingente e dependente do testemunho confiável) na opinião, bem como dos desdobramentos de sua destruição (tendo em vista o apagamento da distinção entre fato e ficção) pela mentira e manipulação política. Uma opinião só deixaria de ter legitimidade geral quando surgisse uma nova evidência e/ou pelo debate constante que enfatize as bases frágeis do consentimento provisório. Nesse sentido, opinião e verdade factual não se opõem, pois opiniões fundadas em verdades factuais tendem, em tese, a se tornar mais persuasivas. Exemplos aqui destacados mostram que pode haver algum tipo de convergência, nas páginas da enciclopédia virtual, entre busca pela verdade factual e opinião.⁴¹

⁴¹ No que se refere à questão da verdade histórica, compartilho do entendimento expresso pelas reflexões de Breno Mendes a partir de Paul Ricœur, a saber: “se a verdade, particularmente, a histórica, não deve ser reduzida à mera verificação, disso não se deve deduzir um relativismo insensato, que interdita ao conhecimento histórico a construção de algum tipo de verdade. [...]. Ainda que entremeada pela subjetividade, a história possui certo tipo de objetividade. Embora não chegue a uma verdade nua, crua e imutável, o saber histórico pode atingir uma verdade no âmbito da probabilidade, o que impulsiona a história a ser constantemente reescrita” (MENDES, 2015, p. 104).

II. Wikipédia, memória cultural e historiografia

Apesar de certas reticências com relação a totalizações e absolutizações com base, por exemplo, no frágil conceito de sociedade, apontada como sociedade do espetáculo, em rede, da transparência, líquida, etc., defendo a dimensão explicativa da noção de redes aplicada a certas transformações do tempo presente. A esse respeito, conforme apontado por Manuel Castells, está emergindo uma estrutura social mundial constituída por redes em diversas organizações e práticas sociais, fato que possibilita a formação da cultura da virtualidade real.

O autor afirma que a passagem dos meios de comunicação de massa tradicionais para sistemas de redes horizontais de comunicação em torno da internet e da comunicação sem fio é responsável pela multiplicação “de padrões de comunicação na base de uma transformação cultural fundamental à medida que a virtualidade se torna uma dimensão essencial da nossa realidade” (CASTELLS, 2011, p. I-II). Nessa perspectiva, a World Wide Web e a comunicação sem fio são meios para a interação, e tais mudanças ultrapassam a técnica e têm impacto em todas as linguagens e dimensões sociais, culturais, espaciais, temporais, subjetivas, entre outras.

Considerando-se os também problemáticos conceitos de memória cultural e cultura da escrita/recordação, Aleida Assmann (2011) identifica rupturas significativas no tempo presente ao afirmar, por exemplo, que “tanto na tecnologia de armazenamento quanto na pesquisa da estrutura cerebral vivemos uma mudança de paradigma, na qual a concepção de um registro duradouro de informações é substituída pelo princípio da contínua sobrescrita” (p. 24).⁴²

⁴² Tendo em vista as mutações em curso, Malerba (2017, p. 141), por exemplo, afirma: “o público consumidor de história se expandiu vertiginosamente nos

De fato, algumas das transformações tecnológicas, materiais, sociais, intelectuais e culturais do início do século XXI têm possibilitado a experimentação de modelos de produção de textos que estimulam a participação do público-leitor. Um desses instrumentos são os *wikis*, cuja característica consiste em, a princípio, qualquer um poder alterar os textos publicados em suas páginas da *web* a qualquer tempo. O *site* da Wikipédia, desde a sua fundação, em 2001, é um dos mais visitados do mundo, com mais de um milhão de acessos por dia e é, na verdade, a mais popular experiência em um *wiki*.

Um exemplo relacionado à concretude da galáxia da internet que explica o sucesso da Wikipédia é o fato de o popular buscador Google apresentar, pelo critério de relevância, as páginas da Wikipédia no topo do seu *ranking*, mesmo sem nenhum tipo de pagamento. A esse respeito, Robert Darnton afirma que “exceto pela Wikipédia, o Google já controla os meios de acesso à informação *on-line* da maioria dos americanos” (DARNTON, 2009, p. 37). Assim, a emergência da Web 2.0 propiciou uma vasta gama de debates acerca de questões relativas à noção de autoria, direitos autorais, produção e difusão do conhecimento no mundo virtual. A expressão Web 2.0 simboliza esse movimento que defende e cria estratégias para a participação do público na produção de conteúdos.

Contudo, a enciclopédia livre é objeto de muitas controvérsias. Para Roger Chartier (2012), por exemplo, a Wikipédia é um empreendimento democrático vulnerável, pois está exposta a erros e falsificações. Ela evidencia a tensão entre o

últimos anos, para muito além do público consumidor de livros – inclusive livros de história popular. [...]. Tanto uma coisa quanto a outra – a alteração do perfil do produtor de histórias quanto a expressão vertiginosa do seu público consumidor – se explicam em grande parte devido ao surgimento de novas mídias, particularmente a internet”.

desejo de constituição de um saber coletivo e a profissionalização dos conhecimentos, já que o texto eletrônico possibilita transformações nas técnicas da prova e nas modalidades de construção e validação dos discursos de saber. Nesse sentido, Varella e Bonaldo (2020) destacam: “desafios relacionados às salvaguardas de acesso e à autoridade historiadora são por vezes recebidos como provocações que promoveriam a anulação do *gatekeeping* e a alienação daqueles que ‘têm habilidades técnicas’ [...]. A desconfiança e, por vezes, hostilidade com a qual a Wikipédia é tratada pode ser lida na chave desse estranhamento” (p. 150).

Um dos trabalhos históricos de maior fôlego sobre a dinâmica da Wikipédia afirma que suas páginas apresentam uma “poética popular da história”, constituída de regras diferentes das dos historiadores profissionais, pois tende a ser mais anedótica e factual. Segundo o autor Roy Rosenzweig (2011), há pelo menos cinco razões pelas quais os historiadores deveriam se interessar pela enciclopédia multilíngue: 1) para compreender aspectos da demanda social pelo conhecimento do passado, que tende a ser diferente da pesquisa especializada; 2) porque ela possibilita pensar questões relativas à aprendizagem da História; 3) porque a abordagem epistemológica da Wikipédia se aproxima da praticada pelos historiadores: citar fontes, checar dados, garantir verificabilidade, preferir fontes primárias ou trabalhos de especialistas; 4) porque se pode entender, por meio dela, que o passado é objeto de disputa; e 5) para que os historiadores profissionais conheçam e pensem sobre as possibilidades disponíveis para a elaboração de outras formas narrativas e de difusão do conhecimento histórico.

A enciclopédia livre, pode, portanto, ser útil ao menos para refletir, negar ou problematizar um paradoxo que ronda a historiografia profissional e universitária. Estaríamos diante do paradoxo anunciado por Hayden White (2011, p. 125)

nos seguintes termos: à medida que os estudos históricos se tornam mais científicos, tornam-se menos úteis para qualquer finalidade prática, inclusive para educar os cidadãos para a vida política?⁴³

Mais do que um paradoxo, talvez estejamos aqui diante dos limites e da própria crise do conceito moderno de história, do historicismo e da forma como a historiografia foi produzida profissionalmente desde o século XIX, tal como discutido no primeiro capítulo. Jacques Revel (2010, p. 36), por exemplo, destaca que, para os fundadores da Escola dos *Analles*, Bloch e Febvre, a história permanece essencialmente empírica, em especial pela razão de que o “social não é jamais o objeto de uma conceituação sistemática, articulada”. Ainda segundo o autor, a chamada segunda geração aprofunda esse novo empirismo ou positivismo crítico, em que o método ganha primazia em detrimento da teoria e das condições de produção históricas.

⁴³ Em linhas gerais, concordamos com a pesquisa recente de Phillips (2015), que expande os argumentos de Rosenzweig. Recentemente foi publicado um dos primeiros trabalhos em história sobre a Wikipédia no Brasil. Os autores, a título de conclusão, afirmam que: “A Wikipédia é uma comunidade de práticas que tem o conhecimento participativo como fundamento [...]. Por causa dessas características, a plataforma tem uma dinâmica de produção de conteúdo que inviabiliza o padrão tradicional impresso, fundado na autoria e na preparação e revisão anterior à publicação. Isso não significa, por outro lado, que os membros da comunidade não sejam tão interessados ou zelosos a respeito da qualidade dos verbetes. Significa, em primeiro lugar, que os verbetes estão em constante atualização. Se formos ler as demandas que o Projeto [Teoria da História na Wikipédia] recebeu dos membros da comunidade como parte de uma negociação mais ampla pela legitimidade dos verbetes, entenderemos que parcela considerável das reivindicações dizia respeito às dimensões heurísticas e epistemológicas” (VARELLA; BONALDO, 2020, p. 163). Cf. os textos da coletânea de Paletschek; Korte, 2012 que analisam a experiência da história disponível para amplas camadas sociais, tendo em vista a maior disponibilidade social de tecnologias de historicização. Cf., também, De Groot, 2009; Pimenta *et al.*, 2014.

Além disso, na medida em que os historiadores não monopolizam as experiências da história, as narrações, as memórias e mesmo as representações do passado, não há, em geral, certa ilusão sobre o poder efetivo da historiografia e do ensino de história? (cf. LAVILLE, 1999). Afinal, nos países do dito Ocidente,⁴⁴ muitos dos atuais nacionalistas, racistas, xenófobos, negacionistas e fundamentalistas passaram pela educação escolar orientada, em grande medida, pela historiografia acadêmica. Em 1991, por exemplo, 67% das pessoas na Alemanha tinham acesso a conteúdos históricos pela TV e 38%, pela ficção. Uma das conclusões possíveis é que, por outras vias, e não pelos estudos disciplinares, os cidadãos nutrem, continuamente, sua formação histórica (PALETSCHEK; KORTE, 2012).

Nesse sentido, tendo em vista um amplo estudo sobre a cultura de história sobre a Independência brasileira (1822), Pimenta *et al.* (2014) lançam uma pertinente questão para os historiadores que gostaria de compartilhar para encerrar esse item: “como e para que divulgar conhecimento histórico em uma sociedade que já possui numerosas formas de pensar e de representar a história? Há muitas respostas possíveis a essa pergunta. Quase todas, poderiam perfeitamente substituir a ideia de divulgação por aquelas de diagnóstico e diálogo. Diagnóstico de uma cultura de história, base para um diálogo com a própria sociedade” (p. 36).

III. Mutações da função autor?

No Mediawiki, o programa de computador que serve de base para a Wikipédia, todas as páginas *wiki* possuem outra correlata

⁴⁴ Uma questão que deveria atravessar reflexões sobre diversas Wikipédias diz respeito à variedade das historiografias ocidentais, às possibilidades de interação e resistência a elas, além da complexidade das tradições não ocidentais. Cf. Santos; Nicodemo; Pereira, 2017; Avelar; Bentivoglio, 2019.

Melodioso

para discussões e um histórico em que ficam registradas todas as edições feitas. As seções “discussão” e “histórico” constituem um arquivo das transformações e mutações do texto coletivo.

Uma ferramenta que ajuda a pensar sobre a importância crescente da Wikipédia como um dos meios privilegiados do nosso tempo para a popularização de uma cultura de história encontra-se, certamente, no interior da seção “ver histórico”. Trata-se do contador ou verificador do número de visitas, em que podemos perceber a quantidade de acessos e a utilização da página desde a sua criação. O verbete “Ditadura Militar no Brasil”, por exemplo, apresentava, em pesquisa realizada em 2017, uma média de 2.000 visualizações diárias. Mas, no dia 18 de abril de 2016, exatamente um dia após a controversa votação do *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff pela Câmara dos Deputados, ele atingiu o ápice de 14.762 visualizações. Como se sabe, uma das cenas de maior repercussão desse dia foi protagonizada pelo então deputado Jair Bolsonaro (PP), ao reverenciar a memória de Carlos Alberto Brilhante Ustra, que foi, em 2008, o primeiro oficial condenado em ação declaratória por sequestro e tortura durante a Ditadura Militar. A página dedicada à sua biografia, no dia 17 de abril de 2016, teve menos de 30 acessos diários, ao passo que, no dia seguinte, algumas horas após o referido pronunciamento, alcançou 193.242.

É possível perceber, como destacado no capítulo dois, que as batalhas *de e pela* memória, tendo por base a Wikipédia, carregam algumas especificidades da internet. A esse respeito, Louise Merzeau (2008, p. 288) afirma que é preciso verificar caso a caso como a rede cria guerras de memória e/ou culturais singulares. Para ela, o mosaico criado pela web favorece a manifestação das minorias e, por isso, acolhe uma polifonia de memórias mais ou menos fragmentadas e autoproclamadas. Uma das especificidades diz respeito ao fato de que, nas guerras *on-line*, a arma decisiva pode não ser o texto nem a audiência do

site, mas as possibilidades criadas pelas ligações do hipertexto (cf. COSCARELLI, 2012).

Em geral, na dinâmica da Wikipédia, os antagonismos memoriais e/ou culturais são mediados, já que, caso uma guerra de edição (expressão sintomaticamente consolidada) se instale entre dois colaboradores, o artigo é bloqueado, ou seja, restringe-se o número de pessoas que podem editá-lo, reverte-se o artigo até a última edição anterior à polêmica e aguarda-se o estabelecimento de um acordo em sua página de discussão. Como mostra Tommaso Baldo (2015; 2017), a prática, no entanto, nem sempre é rápida e tranquila. De todo modo, há um aspecto a ser destacado: o meio – no caso, a Wikipédia – possibilita a restauração da polêmica como forma de criação do conhecimento.

Cabe destacar que qualquer um pode colaborar para a Wikipédia, porém a contribuição deve ser escrita, respeitando-se as regras e os procedimentos estabelecidos. Assim, as seções “discussão” e “histórico” arquivam as mutações e os debates, ao mesmo tempo que um artigo (em movimento perpétuo) é dado a ler: “mais que o último estado – sempre temporário – de cada texto, é essa genética do saber que faz sentido, pois é ela que possibilita a memória da comunidade [da Wikipédia]” (MERZEAU, 2008, p. 294).

Verifica-se nessa fonte de experimentação da escrita contemporânea que há uma mutação importante da figura autoral. Ela é diversa, por exemplo, daquela dos *blogs*, em que as noções de autoria e de propriedade intelectual estão mais próximas do suporte impresso. Nos *blogs*, em geral, a participação do leitor é restrita a um texto proposto pelo autor. Grosso modo, na enciclopédia multilíngue, há artigos em que a autoria é evidente, uma vez que, ao se analisar seu histórico, percebe-se que apenas um ou poucos editores elaboraram o texto em questão, havendo ou não a edição de outros colaboradores responsáveis apenas por

pequenos ajustes. Nesses casos, as transformações da autoria em rede são mediadas pela identificação dos autores por intermédio do histórico dos artigos, o que possibilita a criação de meios indiretos para estabilizar a autoria (D'ANDREA, 2016).

Entretanto, há outros artigos, especialmente os mais antigos e com longos históricos, bastante acessados e editados, que problematizam a noção de autor, pois, ainda que seja possível analisar o que cada pessoa fez, vírgula por vírgula, é muito difícil reconstruir todo o processo de (re)escrita. Nessa direção, a Wikipédia é também um bom exemplo da atual mutação da ideia de arquivo (de algum modo, de evento e de história), ao menos do arquivo digital, pois tal *espaço* é constantemente atravessado e mesclado intensamente e de forma nova por quatro elementos: simultaneidade, imagem, instantaneidade e infinitude. Tal mudança implica pensar não apenas em crítica e método, mas também em novas formas de imaginação e representação.⁴⁵

No que se refere à questão da escrita, é preciso destacar que a enciclopédia livre é constantemente plagiada. Gostaria de mencionar um caso anterior à acusação, em 2016, do filho do ex-presidente Lula.⁴⁶ Um artigo escrito, em sua maior parte, pelo usuário identificado como Tetraktys foi publicado sem grandes adaptações na revista *Leituras da história* (Ed. Escala, n.º 48, jan. 2012) e assinado por uma jornalista sem nenhum tipo de referência. O colaborador da Wikipédia, em correspondência com o diretor da publicação, afirma que:

os créditos não devem ser dados a mim, mesmo que eu tenha sido o autor do texto, mas à Wikipédia. Todo o material

⁴⁵ Ver Silveira, 2016b. Para Silveira (2016a, p. 36), o arquivo digital tende a ser infinito, pois deriva sua autoridade do pressuposto de que ele não poderá ser integralmente consultado. Cf., também, Lucchesi, 2014.

⁴⁶ Disponível em: <https://bit.ly/3jRFSPz>. Acesso em: 13 ago. 2021.

encontrado lá é considerado na prática como “anônimo e coletivo” e é de uso livre e pode sim ser copiado literalmente. Nossas políticas autorizam até mesmo a cópia para fins lucrativos. Em contrapartida a essa mamata, só solicitamos do usuário a atribuição do crédito, conforme o especificado nas referências que lhe enviei em um dos primeiros *e-mails*.⁴⁷

Cabe esclarecer que o adjetivo livre da Wikipédia significa que qualquer um pode editar, o que não significa que alguém possa fazê-lo da forma que desejar. Além disso, o livre remete também à licença do conteúdo presente na Wikipédia: uma licença livre, do tipo Creative Commons BY-SA, ou seja, que permite a livre distribuição, alteração e venda do conteúdo, por exemplo, desde que citada a fonte e que o conteúdo adaptado da Wikipédia também seja disponibilizado por uma licença igual ou equivalente. Essa duplicidade do adjetivo contribui para a produção colaborativa em bases comuns por intermédio da criação e da execução de projetos de larga escala, reunindo pessoas com diferentes origens e motivações, ligadas pela tecnologia e pelo sentimento comunitarista (ROSENZWEIG, 2011). Do ponto de vista do leitor, aprender a consultar alguns artigos em várias línguas e, em especial, a seção “histórico”, a fim de verificar as versões, o grau de maturidade e/ou os colaboradores, pode ser um caminho para complexificar os usos da enciclopédia virtual.

Vandendorpe (2008) reflete sobre o que muitos consideram uma das ambiguidades da Wikipédia: a disfunção e a desestabilização do saber, ao mesmo tempo. Talvez por isso, Roger Chartier (2012) insiste no fato de que a debilidade reside na própria textualidade digital. O acesso imediato à informação desejada, a presença de artigos sobre temas ignorados pelas enciclopédias convencionais e a aparente neutralidade de uma obra sem autores demonstram e ilustram as promessas da textualidade digital; a

⁴⁷ Disponível em: <https://bit.ly/2Ugaq4T>. Acesso: 03 jan. 2017.

informação pode ser *atualizada* imediatamente, o acesso é livre, a construção é coletiva, sem pretensão de propriedade intelectual: “[a Wikipédia] pode ser considerada como um emblema de um modo de produção dos discursos que anula a função ‘autor’, que libera o conhecimento de sua propriedade editorial e constitui uma das possíveis formas da comunidade web” (2012).

Como também já destacado, os conflitos (tomados aqui, em geral, por meio da metáfora da guerra) *de e pela* memória e as guerras culturais contemporâneas no movimento da Wikipédia não são apenas uma expressão de opiniões particulares, pois são produzidos e/ou regulados por dispositivos construídos pelos colaboradores. Desse modo, mais do que o conteúdo sempre passível de transformação pública, analisar a Wikipédia implica pensar também nos arquivamentos, nas indexações, nas disputas, nas estratégias de controle e nas fontes utilizadas no interior das relações de força da enciclopédia livre.

Na Wikipédia, por exemplo, qualquer edição de um artigo torna-se disponível imediatamente, mesmo antes de qualquer revisão. Por essa razão, a regra de citar as fontes é constantemente violada e a bibliografia citada costuma ser incompleta e desatualizada (ROSENZWEIG, 2011). Num curioso exemplo de dupla hermenêutica, a própria enciclopédia no verbete Wikipédia em diálogo com o autor de *Clio Conectada* afirma, dentre outras coisas: “Roy Rosenzweig, em um ensaio de junho de 2006 que combinou tanto elogios como reparos à Wikipédia, teceu várias críticas à sua prosa e sua incapacidade de distinguir o que de fato é importante do meramente sensacional”.⁴⁸

Para evitar tais problemas, criou-se, ao longo do tempo, uma complexa estrutura de poder para controlar o processo de edição de textos. Além de programas de computador utilizados

⁴⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3lfQjhJ>. Acesso em: 06 out. 2021.

para remover alguns tipos de “vandalismo”, um texto pode passar por toda a estrutura hierárquica da enciclopédia. Todos são voluntários, e as funções não implicam heteronímia nos processos de decisão, com a busca de consenso ou por meio de votações em que todos têm votos com peso igual.

Além dos editores (qualquer membro cadastrado), são eleitas pela comunidade outras funções, como a de “autorrevisores” (cujas edições são identificadas imediatamente como confiáveis, mas que podem ser revistas e questionadas por qualquer membro, tal como as outras). A única diferença entre as duas funções: as edições dos autorrevisores aparecem com uma marca de confiáveis, pois eles possuem uma constância em realizar boas edições. Isso facilita o trabalho dos usuários que *varrem* o sistema atrás de edições de *vandalismos* ou de *novatos*. Há também os *reversores* (para os quais são facilitadas as ações que desfazem edições), os *eliminadores* (que deletam páginas, ainda que elas possam ser recuperadas a qualquer momento por um administrador) e os *administradores* (além das funções anteriores, podem bloquear alterações em caso de vandalismo ou de disputas editoriais e, também, contas de usuários em situações preestabelecidas pela comunidade). Além dessas, ainda temos as funções dos *burocratas* (que podem, por exemplo, renomear contas de usuários) e dos *stewards* (que verificam se uma conta é uma “conta-fantoches” – duplicada – de outro usuário).⁴⁹

Portanto, tendo em vista a dimensão atualista da Wikipédia, na medida em que os artigos estão em constante atualização, a *enciclopédia livre* é um espaço de experimentação do que chamamos de historicidade democrática, na medida em que a enciclopédia desestabiliza, com riscos e potencialidades, a noção de autoria através da proliferação de sujeitos e lugares do conhecimento histórico (ABREU; BIANCHI; PEREIRA, 2018).

⁴⁹ A expressão “Web 2.0” simboliza esse movimento que defende e cria estratégias para a participação do público na produção de conteúdos.

IV. Dois exemplos de historiadores colaboradores⁵⁰

Célio Filho, formado em Linguística e História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é um dos administradores da Wikipédia lusófona e trabalha em diversos projetos da Wikimedia Foundation. Em 2004, começou a editar e, em 2005, criou a conta de usuário e foi eleito administrador. Em entrevista por *e-mail*, ele afirma que as Wikipédias contam com “artigos destacados” (*featured articles*) e “artigos bons” (*good articles*), em que os tópicos de História são uns dos mais bem representados.⁵¹

Para ele, usuários com grande especialidade são desejáveis ao projeto, mas podem ter dificuldades em suas contribuições iniciais, pois não têm experiência com escrita enciclopédica e com sustentação em fontes que sirvam de referência ao leitor. Ele também destaca a importância das parcerias entre a Wikipédia e algumas universidades.⁵² Para Célio Filho, um diferencial da enciclopédia livre é o fato de ela não ser financiada por um único ou um pequeno grupo de pessoas, e um dos desafios constantes é tornar o público de editores heterogêneo.

Arthur Assis é professor na Universidade de Brasília (UnB), de Teoria e História da Historiografia. Começou a editar verbetes em 2005. Segundo ele, também em entrevista por *e-mail*, o projeto da Wikipédia é o que mais contribuiu para a

⁵⁰ Escolhemos dois historiadores que trabalharam como colaboradores nos primeiros anos da enciclopédia. Deixo registrado meu agradecimento aos dois, em especial, a Célio Filho pela leitura, crítica e comentários em diversas versões desse texto. Para um projeto de colaboração mais contemporâneo, ver Varella; Bonaldo, 2020.

⁵¹ Cf. uma entrevista com cinco dos principais editores de uma série de artigos sobre o Império Bizantino em: <https://bit.ly/3ADXMMv>. Acesso em: 13 ago. 2021.

⁵² Disponível em: <https://bit.ly/2VSP1yR>. Acesso em: 13 ago. 2021.

disponibilização e a difusão de informação factual. Além de colaborar para a popularização da História, ele destaca que a enciclopédia livre proporcionou, tendo em vista seu escopo, a difusão de conhecimentos de todas as áreas. Um mérito, segundo ele, da escrita colaborativa é o de facilitar a agregação de informações de caráter mais factual. O desafio estaria justamente na necessidade de maior adensamento analítico ou interpretativo.

Para Assis, mesmo que não haja um questionamento total da figura do autor, “mais interpretação pede mais subjetividade, e o modelo autoral (ou, eventualmente, coautoral) permanece imbatível”. Ele ainda comenta que tende a contribuir mais em verbetes novos ou de pouco interesse, pois assim lida com informação básica. Por outro lado, a sua formação específica não é totalmente relevante, pois “boa parte do trabalho que fiz na Wikipédia poderia ter sido feito por qualquer pessoa alfabetizada e com algum sentido de organização”.

V. Qual o horizonte temporal dessa poética popular da História?

Em agosto de 2021, havia na referida enciclopédia 50 milhões de artigos escritos colaborativamente, dezenas de milhares de usuários editores ativos em texto em 299 idiomas. Nessa data, havia mais de 1 milhão de artigos em português e quase 10.000 editores ativos. O *site* é um dos vinte mais acessados do Brasil e do mundo, e há 200 mil edições aproximadamente por mês só na Wikipédia em português.⁵³ Em 2008, a área “história e eventos” correspondia a cerca de 11% do conteúdo da enciclopédia em inglês.

⁵³ Cf., também, Filho, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3FoIw9y>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Reportagens indicam que uma quantidade considerável de médicos tem utilizado a Wikipédia para dar diagnósticos, por vezes mesmo sem seus pacientes saberem.⁵⁴ Pelo que se pode perceber, a presença da enciclopédia livre em nossas vidas parece ser irreversível. Assim, uma das soluções diante, por exemplo, do problema do baixo número de usuários ativos poderia envolver a maior interação entre as comunidades acadêmica e a wikipediana. Até que ponto não seria louvável, inclusive do ponto de vista ético, político e prático, que futuros professores de História aprendessem nas universidades a colaborar de forma mais decisiva nesse projeto que, ao contrário, por exemplo, do Google, não visa ao lucro? (cf. VARELLA; BONALDO, 2020).

Em nossa perspectiva, portanto, a Wikipédia pode ser entendida como fonte, expressão, metáfora e símbolo das mutações contemporâneas da memória, da escrita da História e da experiência do tempo. É possível que ela seja o melhor exemplo do que Aleida Assmann (2011), apesar de permeada pela nostalgia restauradora, chama de *contínua sobrescrita*. Isso significa que ainda agimos, ainda criamos, ainda deixamos espaço para a emergência e para a produção do novo. Afinal, é próprio das historicidades democráticas o pluralismo de formas e conteúdos de narrar e representar aquilo que aconteceu, bem como o incessante movimento de questionamento de hierarquias preestabelecidas.⁵⁵

A própria ideia de ciência histórica também não tem algum componente de paródia em relação ao que os historiadores imaginam ser os outros ofícios? Talvez seja parcialmente verdade que há, em sentido positivo e negativo, um ar de paródia (não seria melhor diferença?) na narrativa e na prática histórica da

⁵⁴ Disponível em: <https://bit.ly/2VPcaCD>; <https://bit.ly/3jU15sg>. Acesso em: 13 ago. 2021.

⁵⁵ Ver, em especial, Rancièrè, 2014b; Abreu; Bianchi; Pereira, 2018; Voigt, 2019.

enciclopédia livre em relação à prática acadêmica dos historiadores profissionais (BALDO, 2015). Se for assim, pela forma como a história em geral é tratada nas páginas da Wikipédia, podemos dizer que a maioria dos leitores compartilha um horizonte semelhante? Em outras palavras, eles esperam da enciclopédia que todos podem editar uma história cronológica, factual, linear e anedótica? E esse parece ser o limite (tanto no sentido positivo como no negativo) da narrativa histórica e da cultura de história difundidas por essa publicação?

Há uma longa história das críticas dos que procuraram atacar uma história reduzida à narrativa dos acontecimentos. A oposição entre a narrativa dos eventos e uma “verdadeira história” constitui um fenômeno de longa duração (POMIAN, 1993). Benedetto Croce (2004), por exemplo, em 1916, questionou a oposição entre história e crônica. Tratava-se, para ele, de duas formas de história que se complementavam mutuamente sem qualquer tipo de subordinação. Sendo assim, um aspecto central que a Wikipédia nos incita a refletir é: por que existe uma demanda social por um conhecimento histórico ou por algum tipo de narração sobre o que aconteceu que enfatize, por exemplo, a continuidade?

De algum modo, uma história que privilegia a continuidade pretende não apenas tornar pensáveis os fatos passados, mas também conceber o que ainda não entrou na ordem dos fatos. Não deixa de ser uma estratégia de negação da contingência e do evento.⁵⁶ Talvez seja esse um dos motivos pelos quais uma

⁵⁶ É digno de nota, a esse respeito, uma leitura do Partido dos Trabalhadores, em particular do ex-presidente Lula, sobre as manifestações de junho de 2013. Trata-se da percepção de que já se tinha garantido o pão, e o povo saiu às ruas para pedir manteiga. Cf. <https://bit.ly/3iH8UBZ>. Acesso em: 13 ago. 2021. Ver a discussão de Luisa Rauter Pereira (2020). Sobre a relação entre contingência, “história tradicional”, cronologia e continuidade cf., em especial, Pereira, 2009.

concepção de “história tradicional” seja desejada pela sociedade: ela conforta o homem, pois dá o sentido de continuidade à história e à existência.

Na Wikipédia, portanto, encontramos chaves de acesso para que seu leitor projete um devir como uma extensão do passado-presente. O futuro que muitas vezes a enciclopédia que todos podem editar oferece a seu leitor pode vir a ser entendido como um prolongamento do passado e do presente. Nessa direção, Agamben (2001, p. 111) sustenta que a pátria original do homem é o prazer, e, para experimentá-lo de forma autêntica, é preciso parar ou suspender o tempo, principalmente a cronologia, pois a História, ao contrário do que sustenta a ideologia dominante, é também o disruptivo. Mas, será mesmo que mais liberdade implica se libertar do tempo linear e contínuo? Escapar dos dilemas oriundos da suposta dicotomia entre continuidade e descontinuidade é, assim, uma das dificuldades com que se defrontam todos aqueles que vivem, estudam e narram a história.⁵⁷

⁵⁷ Não custa apresentar aqui uma longa e importante reflexão de Lévi-Strauss (1976, p. 294-298): “Os caracteres distintivos do conhecimento histórico não se prendem à ausência de código, que é ilusória, mas à sua natureza particular: este código consiste numa cronologia. Não há história sem datas; [...]. Não foi sem motivo que se reagiu contra este método enfadonho, mas caindo, frequentemente, no excessivo inverso. Se as datas não são toda a história, nem o mais interessante da história, elas são aquilo que na falta do qual a própria história desapareceria, já que toda sua originalidade e sua especificidade estão na apreensão da relação do antes e do depois, que seria votada a dissolver-se se, pelo menos virtualmente, seus termos não pudessem ser datados. Ora, a codificação cronológica dissimula uma natureza mais complexa do que se imagina, quando se concebem as datas da história sob a forma de uma simples série linear. [...] a história biográfica e anedótica é a menos explicativa; mas é a mais rica, sob o ponto de vista da informação, já que ela considera os indivíduos na sua particularidade [...]. Por conseguinte, e conforme o nível em que o historiador se coloca, perde em informação o que ganha em compreensão, [...] em relação a cada

O trabalho com fontes, como a Wikipédia, nos leva, por vezes, a ver certa razão nas análises de David Carr (1991; 2014), que afirma que vivemos narrativamente. A narrativa linear, ao dobrar os fatos aos enredos, é algo mais do que orientação, pois, antes de tudo, é uma das formas mais básicas de resolução de tensões pessoais e sociais. Conseqüentemente, não é desejável opor narrativas históricas, ficcionais e populares. Haveria uma continuidade entre o “mundo real” e a narrativa sobre o que se passou anteriormente, já que a estrutura narrativa permeia nossa experiência do tempo e da existência social.

Levando-se em consideração a relação inerente entre vida e relato, há também uma circularidade, mas com autonomia relativa, entre essas ordens. Nesse nível, a história acadêmica pode corrigir ou mudar os relatos e as memórias. Talvez por uma percepção próxima, Ricœur (2007) defendia que a memória é a matriz da história. Assim, na medida em que opinião, narrativa e memória são também modos de experiência e conhecimento do tempo, elas não podem ser entendidas hierarquicamente como formas com *status* ontologicamente inferiores.

Nessa perspectiva, todos os humanos têm uma relação direta com a história. Logo, não são apenas apaixonados, são seres históricos contando, compreendendo, explicando e interpretando a história. Na era da internet, creio que a legitimidade do saber historiográfico deve se fundar, sobretudo, em uma relação ética, política e existencial comprometida com o mundo, com a verdade, com interpretações complexas e com a fundamentação do conhecimento produzido. Tal postura implica uma abertura para negociar com autoridades, a fim de se construírem novos e velhos saberes no interior de

domínio da história a que renuncia, a escolha relativa do historiador só se faz entre uma história que ensina mais e explica menos, e uma história que explica mais e ensina menos”.

“comunidades de prática” específicas, como é a Wikipédia (cf. VARELLA; BONALDO, 2020).

Retorno a uma questão já tratada no capítulo anterior, a saber: se o sentido da experiência não é construído apenas pelo conhecimento socialmente legitimado por alguns grupos e instituições, o combate a posições e opiniões que estão/são contra a verdade não deve ocorrer apenas no nível da desconstrução, da falsificação ou no nível epistemológico, mas, também, no plano da ação e da interpretação engajada do ponto de vista ético, político e existencial.

Por fim, é preciso dizer que há, entre outras, alguma convergência entre a narrativa hegemônica na historiografia e na Wikipédia, a saber: o realismo, seja ele ingênuo, seja crítico. Hayden White (2018), em uma perspectiva diferente e em alguns casos até oposta à de Carr, tem mostrado os limites do realismo na historiografia acadêmica. A sua sugestão sobre a necessidade de se abrirem a formas alternativas de discurso, narração e representação do passado, sobretudo se levarmos em conta as formas não narrativas e antinarrativas do modernismo literário para representar o passado histórico, pelo menos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, pode ser um convite interessante tanto para os historiadores de ofício quanto para os wikipedistas, a fim de imaginarem e ousarem mais em suas formas de narrativização da experiência histórica sem ignorar a factualidade, já que as narrativas históricas se referem ao “mundo real”.

A questão repousa, portanto, mais no como, nas formas e nas técnicas utilizadas para a narrativização, sejam elas mais ou menos realistas, verdadeiras, ficcionais, racionais, imaginativas ou científicas. Aliás, tendo em vista que a narrativização se relaciona à problemática da ação, mesmo o historiador e/ou wikipedista desejoso(s) de imparcialidade ou de neutralidade traz(em) em seu texto alguma posição política, ética e, é sempre bom lembrar,

ideológica. A problemática articulação entre subjetividade e objetividade nunca deixou de ser uma questão a ser desconsiderada pelos historiadores e/ou wikipedistas que desconfiam do empirismo e do realismo ingênuo. Se dermos crédito a algumas reflexões de White, uma das características da Wikipédia que incomodam alguns historiadores é o fato de que encontramos diversas formas de hibridações – e não de distinções, por mais que muitos colaboradores possam desejar – entre passado prático e passado histórico.

Convém ainda especular que talvez seja parte da experiência da história que ela sirva, muitas vezes anacronicamente e até de forma politicamente conservadora, de entretenimento, de fundamento moral, de fonte de informação e de curiosidade.⁵⁸ Mais do que uma ameaça, a Wikipédia pode auxiliar a questionar, repensar e negociar certos discursos de autoridade (cf. VARELLA; BONALDO, 2020) nos estimulando, assim, a contar a história de muitas maneiras: comprometidas com a verdade factual, com a pluralidade, com a equidade, com a felicidade e com um mundo mais justo.

⁵⁸ Sobre esse aspecto, do ponto de vista da erudição, a curiosidade continua sendo entendida como um vício? Há razão no argumento de que a curiosidade dos modernos reside no interesse de inteligibilidade (em se informar) para além dos interesses metafísicos e/ou religiosos. Mas, pelo visto, a curiosidade interessada, desinteressada ou até exagerada não é mais vista como um vício ou mesmo antagonista ao pensamento, à busca pela verdade, à ciência, aos historiadores, aos detetives, às disputas sociais, políticas, institucionais, acadêmicas e mesmo ao homem comum interessado na vida de seu ídolo. Cf. Blumenberg, 1983.